

“Onde há galo não cantam galinhas”

Texto: Carlos d'Abreu¹

Ilustrações: Carlos Medina²

Resumo: Animais de capoeira foram desde sempre companheiros assíduos do homem e da mulher do mundo rural. As culturas populares apropriaram-se ao longo dos séculos de um riquíssimo e diversificado valor simbólico do galo e das galinhas, cujo sentido se exprime sobre a forma de refrãos, provérbios, adivinhas, práticas devocionais, cantigas, lendas, etc. Neste texto o autor recolhe uma estória verdadeira passada na aldeia da Lousa, e a partir dela expõe um conjunto de elementos associados ao galo e às galinhas que integram o imaginário popular desta aldeia duriense. Ao texto associam-se ilustrações do artista Carlos Medina.

Exórdio

Sendo o exórdio a primeira parte de um discurso, servirá este como prefácio a uma história que sem intróito aqui não caberia.

Nasceu ela num dos regulares contactos que temos com o mundo rural, desta vez na quotidianidade da Lousa, freguesia vizinha do Vilarinho da Castanheira e sua antiga sufragânea.

Narrativa essa que pela sua graciosidade nos vimos compelidos a registar porquanto, nos dias subsequentes à sua constatação, dávamos connosco a rir sempre que o sucesso nos vinha à memória e, como “o riso é o melhor remédio” para (quási) todos os males, partilhámo-la (por carta). Dessa partilha resultaram alguns comentários de um colega investigador, comentários esses que nos levaram, num serão, sobre os galináceos conversar, nascendo desse “fiadeiro” a vontade de sobre o tema – algo necessariamente breve – lermos. Foram partícipes nessa conversa, Tomasa Borja, Román H. Rodríguez (estes de Vilvestre³), Teresa Machado e Paula Machado (loiseiras, ou “lebregas” segundo o apodo colectivo e popular por parte dos povos circunvizinhos), a quem agradecemos não só a amizade mas também as gargalhadas.

Considerando a importância que o *Gallus Gallus domesticus*, essa subespécie dum ancestral galiforme do Sueste asiático⁴, tem desde tempos imemoriais na alimentação humana a nível planetário – devido ao valor nutricional da sua carne e ovos – é natural que nas Culturas Populares estejam presentes conceitos e simbolismos relativos ao galo e à galinha, manifestados através das mais diversas formas, como os refrãos, os provérbios, as adivinhas, as práticas devocionais, o cancionero, as lendas, etc., etc.

1. Geógrafo (USAL); Pró-associação Carava Ibérica (abreu@usal.es).

2. Carlos García Medina, Pintor (USAL) de Ciudad Rodrigo, que elaborou adrede as ilustrações, o que agradecemos (carlosgamedina@hotmail.com).

3. Vila do Douro Salmantino e, consequentemente povo vizinho, da margem esquerda do Douro Transmontano.

4. “*Gallus Gallus Domesticus*” (s/d), in Wikipedia – la enciclopedia libre (https://es.wikipedia.org/wiki/Gallus_gallus_domesticus), pp. 5-6 [22-09-2019].





Mas é o macho que detém a primazia ao nível da riqueza de símbolos, abundantemente demonstrada na Literatura e na Arte de todas as épocas, por haver nele três aspectos que serviram essa simbologia, como sejam, o seu forte impulso de reprodução, a belicosidade e a capacidade de anunciar o nascer do dia⁵.

Parece haver unanimidade entre os Autores que esse simbolismo tem origem nos cultos solares da Antiguidade, precisamente porque o galo canta ao despontar do sol, despertando-se e despertando os Outros para a vida de um novo dia⁶.

Já as fontes Clássicas (incluindo a Bíblia) mencionam diversas vezes e por diversos motivos, o galo⁷. Uma porque provém de Povos ou Autores apreciadores e defensores daqueles três atributos acima mencionados, ou pelo menos de algum deles. Atributos que deram e dão fama ao galaroz mas que inspiram alguns humanos e sistemas políticos por si criados e aprimorados. Referimo-nos à soberba, à autoridade⁸, ao sentido de posse, à masculinidade, à virilidade... Aspectos que têm servido para a opressão exercida sobre a Natureza por parte de alguns humanos, incluindo a própria espécie, favorecendo a desigualdade, o machismo, o patriarcado, a submissão, o estadismo, a exploração, a existência de governantes e governados..., por isso, indignos de retenção e de exemplo. Como nota dissonante do *statu quo ante bellum* registaremos o carácter de “antes quebrar que torcer” do galináceo cantado. O resto, deixemos à Etologia⁹.

Considerando que estamos numa região fronteira – de fronteira apenas política e não cultural e muito menos geográfica – e a raia é e sempre foi permeável, não teremos qualquer pejo em incluir neste brevíssimo artigo alguns exemplos que nos chegaram através dos amigos vilvestrinos que conosco estiveram “à roda do lume”, exemplos que irão assinalados como tal.

Vamos a eles, entre refrãos, estribilhos, adágios, provérbios, rifões, anexins, adivinhas e até o cancionero.

5. Macías, Cristóbal (2012), “El simbolismo del gallo y su reflejo en la obra de Picasso”, in *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, n.º 14, Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Cultura, 2012, p. 325 (325-350).

6. Braga, João Fábio (2015), “Ensaio sobre a simbologia do Galo”, in *Ensaio, Ideias e Reflexões* (<https://fabiobraga.wordpress.com/2015/09/28/ensaio-sobre-a-simbologia-do-galo/>)[22-09-2019].

7. Macías, Cristóbal (2012), “El simbolismo del gallo y su reflejo en la obra de Picasso”, in *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, n.º 14, Aveiro, Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Cultura, p. 337.

8. Rocha, Catarina (2015), “O primeiro galo a cantar é o que manda mais no galinheiro”, in *Público*, secção de Biologia, a partir de Max Rossi (Reuters), ed. Teresa Firmino, 28-07-2015.

9. Cf. Jung, Carl Gustav (2002), *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, trad. Maria Luísa Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva, Petrópolis, Editora Vozes, 2.ª ed.

Entre nós, no que respeita às designações dos galiformes em causa, temos: galos (galarozes e galarotes); galinhas (ou pitas); frangos (ou franganitos); frangas (ou franganitas); pintos (pintinhos ou pintainhos). “Pitos” (no plural e substantivo colectivo) corresponde sobretudo a um conjunto de frangos/frangas, ou seja, de juvenis. Curiosamente “pito”, na linguagem popular, é sinónimo de vagina (“dar o pito” / “ir ao pito”, i.e, copular).

No outro lado da Raia, os equivalentes são: “gallo”, “gallina”, “pollo” (ou “pito”), “polla” (ou “pita”) mas, na linguagem coloquial, “pito” (frango) tem significado de pénis e “polla” (franga) também.

Era hábito pelo Entrudo, os alunos oferecerem ao professor(a) um galo, o mais vistoso que houvesse na aldeia (Lousa).

Aos ovos cujo choco se gorou, designavam por “góros” (Lousa); no povo raiano de Vilvestre por “huevos hueros” e genericamente em Léon e Castilla, por “güeros”.

À galinha rouca era necessário “tirar o gógo” (excreção mucosa). Em Vilvestre, que “tenía pito”.

Quando as galinhas se habituavam a dar voos mais largos, cortavam-lhe as extremidades das penas das asas (Lousa).

Cortavam a ponta do bico às pitas quando comiam os ovos (Lousa).

“Masgavam” as cascas dos ovos e misturavam-nas nos farelos, para lhe fornecer o cálcio necessário e assim não necessitarem de comer os seus próprios ovos (Lousa).

“O que fazes?” Perguntava-se àquela que estava desocupada. “Calços a pitos que estão para nascer”, respondia ela, entendendo-se por “calços” um pequeno fio têxtil, colorido, que colocavam numa das patas aos pintos para, quando em liberdade na rua, se distinguirem das outras ninhadas (Lousa).

“Xô, pitinha p’ró poleiro”, a forma de enxotar as pitas para o galinheiro (Lousa).

“Põe aqui pitinha o ovo p’ró menino papar todo”, forma de entreter a criança quando se lhe dava de comer, consistindo em pegar-lhe numa das mãos, com a palma virada para cima, para a qual o adulto apontava como sendo o sítio onde o ovo seria posto (Lousa).

“Este quer poleiro”, quer poder (político).

“Deitar quando as galinhas/pitas”, recolher (e mesmo deitar para dormir) ao sol-pôr.

“Levantar com o cantar do galo / Cuando el gallo canta, la gente se levanta”.

À mulher parturiente levava-se e davam-se-lhe caldos de galinha e ovos (Vilvestre). A canja/canjinha (de galinha) para os doentes.

“Pilha galinhas”, ladrão de pitas. Atribuído aos rapazes que as pilhavam, por vezes nos capoeiros dos próprios pais, para as “borgas” nocturnas, também denominadas “tainadas” (Maçores e Lousa).





“Olhar a galinha / olhar o cu à pita”, consistia em introduzir o dedo mendingo no cu da ave na tentativa de saber se tinha ovo para pôr (Maçores, Lousa, Vilvestre).

A promessa de oferecer uma pita branca (cor rara) a Santa Clara, para curar a gaguez da filha (Lousa).

As noivas ofereciam às monjas clarissas ovos (faziam muitos doces), para intercederem no sentido de que fizesse bom tempo no dia da boda (Vilvestre).

Na festa dos quintos (“correr los gallos”), os rapazes apurados para a tropa penduravam um galo de cabeça para baixo e, a cavalo, passavam a galope sob a ave tentando torcer-lhe o cachaço e arrancar-lho (Vilvestre).

“Quer galinha gorda por pouco dinheiro”.

“Parecem dois galos encristados”, diz-se de dois homens que discutem acesamente, capazes de se baterem (Lousa).

“La mujer y la gallina, caserinas” (Vilvestre) / “vecina de portal, gallina de corral” (cast).

“Mais claro não canta o galo”, i.e., mais explícito não há.

“Gallina vieja hace buen caldo” (Vilvestre).

“Outro galo cantaria”, a coisa (assunto/ solução) seria bem diferente.

“Sete galinhas e um galo comem tanto como um cavalo” (Lousa).

“Grão a grão enche a galinha o sarrão” (Lousa).

No mundo das adivinhas: “qual é coisa qual é ela: branco é, galinha o põe?”

Na área da devoção: “Fogueira do galo”, na consoada ou noite de Natal, lume colectivo que os rapazes fazem num largo do povo (com lenha do povo) e onde este se junta depois de sair da “*missa do galo*” (à meia-noite, de 24 para 25 de Dezembro).

Após a selecção dos ovos para chocar, antes de os meter debaixo da galinha, a cada um se lhe dizia: “Em louvor de São Amador / nasçam todas frangas / e um só galador” (Lousa).

Na área do cancionero, recomendamos: “Gallo negro, gallo rojo”, de Chicho Sánchez Ferlósio.

É ainda o galo símbolo nacional da França, e também gentílico devido ao facto da antiga Gália da romanização corresponder grosso modo a esse actual Estado. E de alguma maneira o é também em Portugal, como símbolo do turismo português, criado pela Ditadura, através da lenda do “galo de Barcelos”, lenda esta pertencente à literatura medieval devota e que conta uma história de peregrino a Santiago; é comum ao longo do Caminho Francês¹⁰. Agora a estória prometida, na qual se procurou reproduzir o linguajar local.

10. Izquierdo, Marcelino, “El gallo, la gallina y el prodigio calceatense”, in *Historias Riojanas* (<https://blogs.larioja.com/historias/2014/05/10/el-gallo-la-gallina-y-el-prodigio-calceatense/>).

cantar o galo

num quinteiro
com floridas vistas
quatro galinhas
solteiras viviam

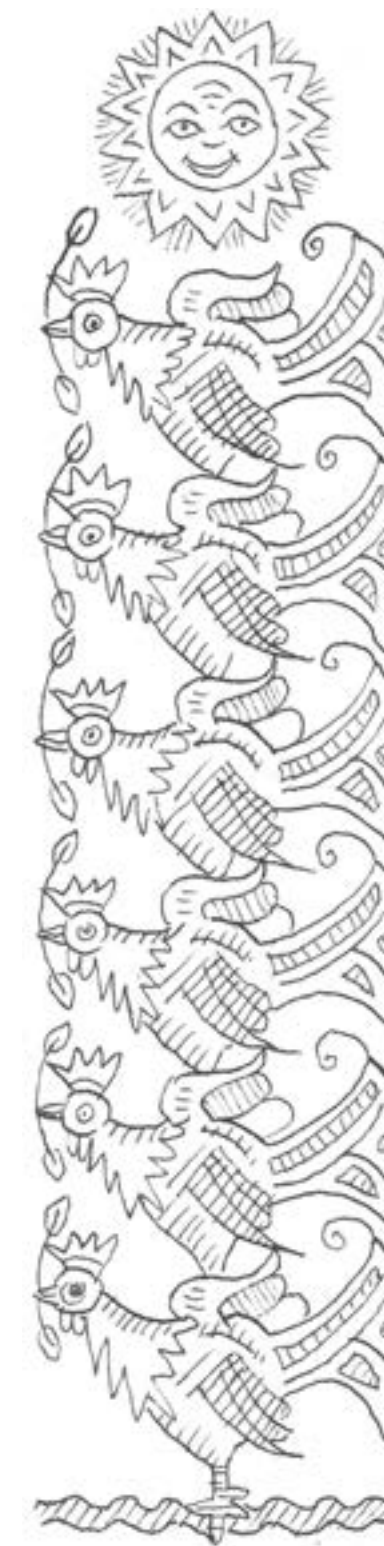
de capoeira dispunham
para à meia-noite
da raposa se protegerem
e ao meio-dia
se esconderem
quando a sombra
dos milhafres surgia

viviam felizes
com a co-tutoria
da flaviense e sua avó
mas a experiência
da anciã dizia
que a ausência de galo
era notada

não que no redil
desreinasse a harmonia
mas...
um galinheiro
é como uma casa
e nesta um homem
é necessário

até porque com galo
mais generosas
as poedeiras seriam
para além de que galadas
ao choco chamadas
as pitas seriam

a jovem tutora
na sabedoria de quem
neste mester a coadjuvava
– porque mestra era
entre os lebreiros –
a tal proposição anuiu





um dia ao fim da tarde
vizinha do povo
por conhecer tal pretensão
as proprietárias visitou
– e após as saudações
e comentários à empírica
e meteorológica previsão –
uma cesta destapou:

– trago-vos aqui um galo!
– ah, que galo tão bonito!
(em uníssono ambas
e duas disseram)

era de facto
um belo exemplar
de *gallus gallus domesticus*:
bem constituído pedrês
de plumas luzidias
asas curtas e largas
ostentando farta
crista rosada e cauda
de longas penas

um jovem adulto
talvez um pouco baixote
mas um galador
não se mede aos palmos:
d'onde cabe a picha grande
cabe a pequena
(estes com a vantagem
de minguado papo terem
e menos comerem)

e na cesta embalado foi
à apresentação do harém

a luz mortiça do dia porém
já recolhidas encontrou
as fogosas casadoiras
e maduritas *gallinae*

no dormitório o depositaram
e a porta çarraram

de manhãzinha
coquerococóóó escutaram
cantar-de-galo novo
– olha, já é o nosso!

[como cedinho era
apenas a anciã o ouvira]
era hora de milho
e umas folhas de berça
ao galinheiro levarem

toca de talhar as couves
ir à tulha e uma mancheia
de grão aparar

e lá vai dona t'resinha
contente por poder
à luz do dia novo
inquilino apreciar

transpõe o umbral
do quinteiro desanda a tranca
o samagaio espalha
e mira bem o neófito

– agora já vos não podeis queixar!
dirigia-se às pitas
que chocas umas já via
e com ninhada de pintos
a outras antevia

dá meia-volta para os galináceos
ao bardo sair pudessem
e as galinhas as durienses vistas
mostrassem ao francês
que fadado estava
para doravante saber
das horas e não do mês
porque não é cavaleiro
nem carpinteiro
mas sempre que esgaravata
encontra batata

e a surpresa?:
atrás dela as pitas não seguiram
e o galaroz às suas costas se lançou





– bô!; ai tu és desses?
já t'ensino!

em vassoura de gesta pegou
e logo ali forças mediram

o galo atacava
e uma vassourada
na crista levava

galo p'ra cá
vassoura p'ra lá

– estou bem arranjada!
mas que mafarrico me trouxeram!?
nunca tal vi!
já não me chegava
um insurgente ter em casa
que só cá faltavas tu!
'stá bem!
bem meu finto que velho
por cá te faças...
não perdes pela volta!

despertara entrementes a neta
e no passeio entre a casa
e o galinheiro
com a matriarca se encontrou

– tens ali uma bonita prenda
tens tens!
– então o que foi?
as galinhas não querem o galo?
– qual quê? a essas já as conquistou...
da noite p'rá manhã!
mas é ruim!; sabes
que se botou a mim?

à vedação se assoma
a rural tirocinante

para as pitas nem o
piu-piu foi necessário
pois logo se acercaram
à espera dos habituais mimosinhos

mas não é que o ladrão
do galo de amarelo chaleco
se encrista e impropérios
galicistas lhe atira?:
aller à la merde
exploiteuses de la classe ouvrière!
les oeufs à ceux qui les pondent
nous n'avons pas besoin de patrons!

– bô...?! d'onde é q'este saiu?
afinal o gajo é mesmo francês!
como é que veio parar à loisa?

oh vó! já percebi!
é um anarquista refugiado
e quer por cá iniciar
a social revolução!

– e as pamonhas das galinhas
sujeitam-se!?
ao que a carência leva as mulheres...
valha-me deus

ao segundo dia
já a inquietação
da casa se assenhorara

duelos na arena
se sucediam

– desta vez deixei-o
de crista a sangrar
ai o 'scamungado!
era o que nos faltava
nunca assim vi

ai és francês...?
e ainda por cima anarquista!
eu digo-te!
já vou ver onde pára a guilhotina
vais pr'á panela ai vais vais!

mandarás tu quando
as galinhas tiverem dentes!

desabafa e vaticina a afrontada velhinha.





Referências bibliográficas

- BRAGA, João Fábio (2015), “*Ensaio sobre a simbologia do Galo*”, in *Ensaaios, Ideias e Reflexões* (<https://fabiobraga.wordpress.com/2015/09/28/ensaio-sobre-a-simbologia-do-galo/>) [22-09-2019].
- “*Gallus Gallus Domesticus*” (s/d), in *Wikipedia – la enciclopedia libre* (https://es.wikipedia.org/wiki/Gallus_gallus_domesticus), pp. 5-6 [22-09-2019].
- IZQUIERDO, Marcelino, “*El gallo, la gallina y el prodigio calceatense*”, in *Historias Riojanas* (<https://blogs.larioja.com/historias/2014/05/10/el-gallo-la-gallina-y-el-prodigio-calceatense/>).
- JUNG, Carl Gustav (2002), *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, trad. Maria Luisa Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva, Petrópolis, Editora Vozes, 2.^a ed.
- MACÍAS, Cristóbal (2012), “*El simbolismo del gallo y su reflejo en la obra de Picasso*”, in *Ágora. Estudios Clásicos em Debate*, n.º 14, Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Cultura, 2012, p. 325 (325-350).
- ROCHA, Catarina (2015), “*O primeiro galo a cantar é o que manda mais no galinheiro*”, in *Público*, seção de Biologia, a partir de Max Rossi (Reuters), ed. Teresa Firmino, 28-07-2015.

